

BD à margem da cidade

Na “cidade do conhecimento” há quem olhe de lado para os “quadrinhos”. A Cabra saiu à rua e tentou rabiscar um esboço do movimento de banda desenhada em Coimbra. Mas afinal o que é banda desenhada? Texto mais desenhos ou a junção de pintura e literatura? Por Rui Pestana (texto), Daniel Palos (fotografia) e Pedro Morais (ilustração)

Começamos com as coisas mais simples: no princípio todos começamos por ler e desenhar os “quadrinhos”. Ricardo Ferrand recorda-se de desenhar um homem a ir na rua, pisar uma casca de banana e cair. Hoje Ferrand tem seis livros publicados e é um dos autores portugueses de banda desenhada com maior sucesso.

No início, a tendência é para as histórias simples. Para Amândio Duarte, responsável pela loja Bdmania em Coimbra, os “quadrinhos” são um incentivo muito grande para se começar a gostar de BD. Mas há que fazer algumas distinções: “os Patinhas são quadrinhos, os jornais são “cartoons” e a BD são coisas mais específicas, com argumentos e qualidade”. O gerente da loja, especializada em banda desenhada, acredita que é bom incentivar as pessoas a ler um “quadrinho” e depois levá-las a pegar noutras coisas, “mas isso não tem nada a ver com BD.”

Pedro Morais também começou. Não se lembra desde quando, mas sabe que foi “desde sempre”. Começou por desenhar jogadores de futebol, mas banda desenhada só no 12º ano. Publicou o seu trabalho pela primeira vez na Revista Tintin, durante um ano, em 1981, mas apesar de continuar a fazer BD esporadicamente, “a verdade é que outros trabalhos mais bem pagos iam-se sobrepondo”, confessa Pedro Morais. Neste momento faz principalmente banda desenhada para crianças na Visão Júnior, mas “nestas áreas depende um bocado do que vai aparecendo”, suspira Pedro Morais, autor de banda desenhada e desenhador gráfico.

“É claro que ninguém começa pelo Cervantes ou pelo Dostoyevsky, se calhar começamos pela Margarida Rebelo Pinto...” João Miguel Lameiras, argumentista, tradutor e crítico de banda desenhada, define BD como “uma maneira de contar uma história associando texto e imagem em sequências narrativas”. Para Lameiras, é necessário distinguir géneros e qualidades pois, “dentro da banda desenhada, é como a literatura”. Lança a questão: “O que é literatura? A Margarida Rebelo Pinto é tanto literatura como o Cervantes ou o Dostoyevsky.” No fundo, para o crítico do jornal As Beiras, “a banda desenhada é essencialmente uma linguagem que produz obras válidas, como a literatura e o cinema”.

O ponto de encontro da Dr. Kartoon

“Lembro-me perfeitamente na Dr Kartoon, aqui há uns anos atrás, estava eu e o

José Abrantes e veio um rapaz novo a mostrar o trabalho... era o Ricardo Ferrand”, conta Pedro Morais. Como quem limpa o pó de um retrato esquecido, Ricardo Ferrand recorda: “eu nessa altura começava a fazer as primeiras coisas mais a sério. Tinha noção que era muito difícil, que eram poucos os autores portugueses publicados, só mesmo os muito bons.”

O livro “A velha Alta desaparecida” é a fonte de inspiração de “Uma superaventura de banda desenhada em Coimbra B...d”. Pedro Morais retrata uma história de ficção científica que joga com a destruição da velha Alta: “É um pouco como se a banda desenhada também tivesse sido destruída e só parte dela é que foi recuperada”. O desenho retrata a rua do Arco da Traição onde, hoje em dia, se situa a Universidade de Coimbra. A pedido de um professor da Escola Universitária das Artes de Coimbra, António Olaio, o desenhador criou esta banda desenhada com o tema dos super heróis em Coimbra, para fazer um álbum juntamente com trabalhos de alunos.

A abertura, em 1998, da livraria Dr. Kartoon em Coimbra marca o nascimento de um ponto de encontro entre os adeptos da banda desenhada. Segundo Pedro Morais, “a vantagem é que passou a haver um ponto de encontro, as pessoas iam à livraria, falavam de várias coisas... Também houve alguns concursos de banda desenhada organizados por eles e isso também deve ter ajudado a aparecer alguma coisa em Coimbra.”

A gerente da Dr. Kartoon, Fanny Denayer, fala da livraria como se fosse um filho, “vai fazer oito anos a 28 de Março.” No início, os fanáticos de banda desenhada entravam e diziam-lhe: “Sou o único a gostar de BD, ninguém vai vir cá.” E o outro que vinha a seguir dizia: “não há ninguém que goste de BD, eu sou o único, vocês não vão aguentar...”. E depois de um único, mais um único e outro único, Fanny desabafa: “Eu não sei se havia espaço para uma livraria só de BD mas eu fiz o espaço.”

Actualmente, a BdMania, uma livraria especializada de banda desenhada, mais direccionada para o mercado americano, pre-

para-se para reabrir uma loja em Coimbra, também na zona da Praça da República. Para João Miguel Lameiras, Coimbra tem neste momento “uma grande oferta que não encontramos noutras cidades como Aveiro e Leiria”. Contudo, o crítico deixa algumas preocupações no ar: “Não sei se haverá espaço para as duas livrarias, sobretudo porque a partir do final de Abril vamos ter tam-

mos criar a editora”, afirma Francisco Espiñero. Segundo o espanhol radicado em Coimbra, “até há bastante movimento” na cidade. Contudo, Espiñero acredita que “fazia falta algo que remexesse um bocado, algum evento ligado à BD...” O problema de sempre da banda desenhada, diz Francisco, é que “para muita gente são desenhos para miúdos, o que faz com que muitas vezes



bém a FNAC”.

Um negócio mas também uma arte menosprezada

Para Amândio Duarte, devido ao facto de haver poucas livrarias de banda desenhada especializada, “esse é um tipo de comércio que, onde existe, é sempre um bom negócio.” Para este livreiro, Coimbra tem, neste momento, “um potencial muito grande na venda de banda desenhada.”

João Miguel Lameiras defende que, “em termos das editoras, a banda desenhada não é grande negócio”. Ou seja, “quem se dedica a editar banda desenhada dedica-se sobretudo por uma questão de gosto”, conclui o crítico de BD.

Francisco Espiñero fala de Manga com sotaque espanhol e acaba de lançar uma nova editora de banda desenhada asiática em Portugal. A Mangaline Edições foi lançada “por gosto”, refere Francisco, que se considera “apenas um cliente que tentou dar um passo em frente”. “Se não se arrisca não se chega a nenhum lado e, como é uma coisa que gostamos e que nos dá prazer, decidi-

mo não se ajude a BD.”

Amândio Duarte, livreiro há 24 anos, considera que “a banda desenhada em Portugal não é bem vista nem nunca foi”. Segundo ele, a banda desenhada para os livreiros é mais um espaço comercial, é mais um dinheiro que se ganha e não uma arte em si; “para os livreiros a BD não é um livro, são quadrinhos”.

A Witloof é outra das editoras a funcionar em Coimbra, também pela mão de Fanny Denayer. A editora afirma que não há mudanças na forma como os livreiros encaram a banda desenhada: “Vamos lá apresentar os livros, eles dizem que é infantil, é bonecada e vai para ao pé dos Strunfs”.

Ricardo Ferrand é o único autor português a ser editado pela Witloof, uma editora mais vocacionada para o mercado franco-belga. Hoje em dia os leitores também mudam, refere Fanny. “Agora depende muito do que há no cinema, na televisão e na Playstation. Hoje em dia já não há cultura própria, é martelar; o que está a dar na televisão é o que dá”, conclui a gerente da editora sediada em Coimbra.

Viver da BD como autor é difícil

Em Portugal, a banda desenhada é um trabalho que não compensa financeiramente. Contudo, continuam a aparecer jovens interessados em entrar para o mundo da BD, mas muitos não passam de projectos com duas ou três páginas

Viver exclusivamente como autor de banda desenhada em Portugal é "muito complicado, para não dizer impossível", diz João Carlos Lameiras, crítico, tradutor e argumentista de banda desenhada. A maior parte dos autores tem outra actividade paralela: "trabalho para uma editora, faço traduções, exposições, etc. Mas como argumentista nem sequer dá para sonhar em viver disso".

O desenhador gráfico e autor, Pedro Morais, defende que a banda desenhada é um trabalho "mal pago e uma actividade que exige muito tempo." A solução é "diversificar o campo de acção entre banda desenhada, ilustração e design gráfico."

Tiragens pequenas é também um dos factores apontados pelo gerente da loja BdMania em Coimbra, Amândio Duarte, para haver poucos autores a viver de banda desenhada. "O que são 500 exemplares para um homem que andou meio ano ou um ano a fazer BD?"

Ricardo Ferrand é dos autores portugueses com mais vendas mas, neste momento, não vive apenas da banda desenhada. "Acho que é impossível viver só de banda desenhada", afirma Ferrand, dando como exemplo o autor José Carlos Fernandes: "É o autor mais profícuo, aquele que faz mais BD em Portugal; acho que ele consegue lançar, no mínimo, três livros por ano; penso que é dos autores portugueses que já publicou mais coisas, mas mesmo ele não consegue viver só da BD".

O estrangeiro parece ser uma das poucas saídas possíveis para os autores portugueses. O autor Ricardo Ferrand "gostaria imenso de ser editado no estrangeiro, se fosse possível era muito importante para a minha carreira."

Quando se começam a fazer comparações entre o mercado português e o estrangeiro, as diferenças saltam à vista. Fanny Denayer considera que, no meio da banda desenhada, as diferenças entre Portugal e a Bélgica são "enormes". Ao sair uma novidade, "uma livraria mais pequena que a minha compra 150; eu aqui compro 10, o que não é nada mau para o mercado português", lamenta Fanny.

"Para se viver da banda desenhada, um

autor tem de trabalhar para o mercado estrangeiro", afirma João Miguel Lameiras. Neste momento "há para aí uns três ou quatro a trabalhar nos EUA, mas a maior parte dos leitores não faz a menor ideia se eles são portugueses", aponta João Miguel Lameiras. Editar no estrangeiro é uma coisa que deve ser feita "com pés e cabeça e, de preferência, associado a uma editora forte que queira investir no trabalho desse autor."

Trabalhar nas artes finais dos grandes artistas americanos é outra das saídas. Segundo Amândio Duarte, "os portugueses estão escondidos a ajudar os grandes artistas. Os portugueses estão aí atrás."

Curso de bd não é essencial

Em Portugal, o Centro de Arte e Comunicação Visual, em Lisboa, é das poucas instituições a oferecer um diploma na área de banda desenhada. O curso de Ilustração/Banda Desenhada tem a duração de três anos lectivos e o custo total das propinas ascende aos 5300 euros.

Pedro Morais nunca fez nenhum curso de banda desenhada. "Nesta coisa da arte, eu acho que normalmente as pessoas são autodidactas. Eu acho que aprendem é trabalhando e claro que também com os outros" esclarece o desenhador.

Já Ricardo Ferrand tirou o curso de Design Gráfico na Escola Universitária das Artes em Coimbra (ARCA) mas esclarece que "a banda desenhada não é uma das matérias que seja dada." Nunca sentiu falta de uma formação específica porque, "neste trabalho, se uma pessoa gostar mesmo e quiser aprofundar, por si só consegue."

Francisco Espiñero, da editora Mangaline, lança a receita: "é 80 por cento de talento e 20 por cento de técnica. Por muita técnica e por muitas bases teóricas que se possa ganhar, acho que um curso não é estritamente necessário." Depois, é "esforço, mentalização, fazer e refazer até chegar onde se quer chegar", continua Francisco Espiñero.

Para Amândio Duarte, haveria espaço para um novo curso de banda desenhada em Portugal. No entanto, o escasso mercado português contribui para o fracasso deste tipo de cursos. "Acabas o curso e depois o que é que vais fazer? O curso seria mais um fetiche, um hobby...", alerta Amândio Duarte.

Sobre a possibilidade da criação de um curso de banda desenhada no futuro Colégio das Artes em Coimbra, João Miguel Lameiras acredita que "seria interessante, faria todo o sentido." O argumentista alerta, no entanto, para "a questão das saídas profissionais de um curso destes, a mesma que se põe a um curso de cinema ou outra coisa do género."



"Os concursos de BD são muito ingratos"

Durante quatro anos, a livraria Dr. Kartoon organizou concursos de banda desenhada mas, neste momento, esta é uma hipótese que Fanny Denayer põe de parte. "Na terceira edição participaram três pessoas e haviam três prémios... Eu decidi juntá-los ao concurso do ano seguinte em que apareceram dois participantes..." Lançar novos autores "por amor à camisola" era um dos objectivos de Fanny, que se mostra desencantada com a adesão a este tipo de concursos: "Eu não sou o Calouste Gulbenkian, se choram para ter concursos e não participam..."

Para Amândio Duarte, em Portugal "os concursos de BD são muito ingratos." Segundo o livreiro, as pessoas dizem que "não existem concursos, mas quando os fazemos para incentivar, para ser mostrado o trabalho, para eles terem prática, o pessoal arma-se em artista e não manda

os trabalhos porque acha que é artista." Segundo Amândio Duarte, os prémios acabam por ser atribuídos a "putos que não valem nada mas são os melhores, porque o pessoal da BD tem a mania que é um grande herói e depois nunca cresce."

Quando surgem "miúdos a mostrar trabalhos e a pedir conselho", Ricardo Ferrand dá sempre o mesmo conselho: "Ir participando nos concursos porque o trabalho é exposto, é visto por muita gente e daí podem tirar muitas lições para depois irem melhorando o trabalho."

Muitas vezes, as críticas também não são bem recebidas. A editora Witloof recebe muito material com um bom argumento e em que o desenho era fraco, ou vice-versa. Nessas ocasiões "aconselhamos as pessoas a arranjar um desenhador ou um argumentista" conta Fanny. A resposta é muitas vezes: "Não mexem na minha arte, tchau", lamenta a editora.

Mangaline edições lança Manga em português

Editar Manga em português e a preços baixos são os principais objectivos da Mangaline, a mais recente editora de banda desenhada especializada a surgir em Portugal. Como primeiros lançamentos, a Mangaline aposta nos títulos japoneses "Vampire Princess Miyu", um clássico do princípio dos anos 90, e o "My Hime", de 2004. As negociações dos direitos de autor foram feitas através da sede mãe, que é a Mangaline espanhola. A tradução, a edição, a impressão, a encadernação e a distribuição são feitas em Portugal.

A Mangaline Edições nasceu de um sonho de dois fanáticos do género Manga, Francisco Espiñero e Rafael Abrantes. Como conta Espiñero, a ideia surgiu da fraca oferta deste género

de BD em Portugal. "Não só era difícil encontrar pessoas com o bichinho da animação japonesa, do Anime e do Manga, como também não havia muita acessibilidade a esse tipo de material." Decidiram criar uma editora com "uma orientação japonesa", mas com vontade de editar desenhadores nacionais, desde que tenham o mesmo estilo asiático. "Ficaria muito contente em editar material nacional, até há a possibilidade de fazer a edição em Espanha e em Portugal", afirma Francisco Espiñero.

A Mangaline Edições pretende estar à venda nas livrarias especializadas e nos quiosques. Francisco Espiñero esclarece que a intenção é "reduzir preços e invadir o público com Manga, e ver se o pessoal se anima a experimentar".